
**Primavera Ruralina:
O protagonismo do “Me Avisar Quando Chegar”
e a (comunic)ação do “Rural Semanal”¹**

Mariana Paula Barbosa BRITO²

Fafate COSTA³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Resumo

O presente artigo faz um breve estudo sobre os casos de violência contra mulheres no *campus* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Seropédica (RJ), notadamente no início do ano de 2016. A partir do papel do movimento “Me Avisar Quando Chegar” (MAQC), organizado por estudantes, a pesquisa busca entender as ações do coletivo e o posicionamento da instituição em relação aos assédios e denúncias de estupro. Como objeto de análise foram selecionadas edições do veículo de comunicação oficial da UFRRJ nos meses de março, abril e maio, período que ficou conhecido como “Primavera Ruralina”.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Me Avisar Quando Chegar; Primavera Ruralina; Rural Semanal.

Apresentação

Os três primeiros meses do calendário acadêmico de 2016 da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) foram marcados por denúncias de casos de violência contra mulheres dentro do *campus* e, em decorrência deles, pelo nascimento de um movimento protagonizado pelas estudantes: o “Me Avisar Quando Chegar” (MAQC). O grupo surgiu de forma espontânea frente à insegurança, angústia e medo vividos pelas mulheres em seu ambiente de estudo.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de graduação do 7º período de Jornalismo da UFRRJ e bolsista em projeto PIBIC intitulado “Me Avisar Quando Chegar: um estudo sobre o movimento de estudantes universitárias vítimas de violência”. Email: marianapaulabrito@hotmail.com

³ Doutora em Memória Social, professora do curso de Jornalismo da UFRRJ. Email: fafatecosta@hotmail.com

Passados dois anos desde sua formação, o coletivo se estruturou e foi responsável por diversas manifestações, apelos e feitos dentro da Universidade. A luta e a união feminina do MAQC foram, e ainda têm sido, para manter em pauta o debate sobre a violência contra as mulheres dentro da Rural. Além disso, vale ressaltar que, apesar do histórico de opressões sofridas, as vítimas relatam, em muitos casos, a omissão e a inoperância da instituição na resolução das mesmas.

Para efeito de análise, aqui serão estudadas seis edições do informativo oficial da Universidade, o “Rural Semanal”, produzido pela Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), no período de efervescência das denúncias sobre os casos de estupro. O informativo é impresso e distribuído a toda comunidade acadêmica, além de manter seu acervo disponível para consulta no site da UFRRJ.⁴

A violência histórica contra a mulher

Tratar de violência contra o gênero feminino significa compreender a marca histórica do patriarcado e a ideia de supremacia do homem construída socialmente ao longo dos séculos. Costa (2016) citando pesquisa da historiadora Gerda Lerner, nos conta que o modelo patriarcal de organização social tem pouco mais de 2.600 anos. Mas o que leva à persistência desse sistema até nossos dias, em instâncias políticas, econômicas, sociais e familiares?

O sociólogo Pierre Bourdieu (2011) argumenta que a ideia de supremacia masculina se sustenta na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas. Ele afirma que a desigualdade de gênero pode ser explicada através da divisão sexual do trabalho, “pois ela confere aos homens a melhor parte [...] e moldados por tais condições, [os hábitos] funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade [...], sendo universalmente partilhados”. (BOURDIEU, 2011)

Ao longo desse período histórico, entende-se que a sociedade estruturou-se privilegiando o masculino em detrimento do feminino, sendo este último considerado menor em escala de valores e, na maior parte das vezes, ‘propriedade’ do homem. Esta ideia de poder assimila-se facilmente à violência, pois ter autoridade sobre uma mulher significa ser capaz de dominá-la. Sendo assim, todos os abusos (psicológicos, sexuais,

⁴ <http://portal.ufrj.br/institucional/imprensa/rural-semanal/>.

físicos e morais) contra as mulheres estão fundamentados neste machismo institucionalizado.

A violência contra a mulher constitui-se em fenômeno social persistente, multiforme e articulado por facetas psicológica, moral e física. Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de submissão ou de poder, implicando sempre em situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher. É considerada como uma ação que envolve o uso da força real ou simbólica, por parte de alguém, com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e a liberdade de outrem (BANDEIRA, 2014, p. 460).

Na contemporaneidade, um dos campos de luta contra o machismo e todo o histórico social de violências contra a mulher, advém do movimento feminista. As ações do feminismo questionam e buscam desconstruir a ideia de superioridade masculina. A partir daí, pode-se dizer que a desigualdade de gênero começou a ser pauta de reflexões na sociedade, mas ainda assim, as mulheres continuam sendo subjugadas e violentadas diariamente.

O Mapa de Violência de 2015 indica uma estatística vergonhosa para o país: com taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, o Brasil ocupa a quinta posição entre 83 países dos que mais matam mulheres no mundo.

Violência histórica nas Universidades

Primeiramente, é importante desconstruir a ideia de que a universidade é um local distinto, superior e privilegiado em relação às mazelas que ocorrem na sociedade. Este fato pode ser exemplificado através do número de abusos sexuais que ocorrem dentro de *campi* universitários.

A vulnerabilidade que as mulheres sofrem na rua, nos relacionamentos e em suas casas, se apresenta também com muita força em seus ambientes de estudo em vários países. Nos Estados Unidos, por exemplo, um relatório sobre violência sexual divulgado pelo Conselho de Mulheres e Crianças da Casa Branca, mostrou que de 22 milhões de mulheres que foram violentadas e sofreram agressões sexuais no ano de 2014, uma a cada cinco estava em uma universidade⁵.

⁵ Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/22/sociedad/1390415295_769041.html> acessado em 29 de março de 2018.

Mais de um século⁶ após as mulheres terem conquistado um espaço que é delas por direito, somado ao tempo de dedicação que qualquer pessoa tem para estudar e chegar a uma universidade pública, elas se deparam com uma forte situação de insegurança. As mulheres estão expostas a todo tipo de violência: física, moral, sexual e psicológica.

Uma pesquisa realizada em setembro e outubro de 2015, pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular para o Fórum Fale Sem Medo⁷, ouviu 1823 estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação. Os dados revelaram que 42% das entrevistadas já sentiram medo de sofrer violência em ambiente universitário, 46% conhecem casos de assédio e 28% sofreram abuso sexual.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), local em que esta pesquisa se concentra, foi fundada em 1910 e ainda é reconhecida por cursos que estabeleceram as bases do ensino agropecuário no país, como Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia e Engenharia. Tais cursos, com presença masculina muito maior que a feminina ao longo de décadas, atribuíram à Universidade Rural um histórico de universidade feita por homens e para homens.

A partir do processo de expansão universitária com a abertura de cursos Reuni, esse quadro mudou. Pelos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o número de mulheres que ingressam no ensino superior supera o de homens. O percentual médio de ingresso de alunas até 2013 foi de 55% do total em cursos de graduação presenciais⁸.

Entretanto, a Rural ainda não está completamente preparada para zelar pela vida dessas mulheres, pois elas têm de enfrentar o machismo dentro do ambiente acadêmico, seja de forma velada – como por exemplo uma fala de um professor em sala de aula – ou uma brutal violência física no caminho de um prédio a outro entre os intervalos das aulas.

O *campus* de Seropédica é um dos maiores da América Latina e possui aproximadamente 3.200 hectares. Diante de um espaço tão grande, a comunidade

⁶ Apesar do ensino superior estar presente no Brasil desde 1808, as mulheres só passaram a ter o direito de frequentar as universidades a partir de 1879. A Lei ficou conhecida como Leônicio de Carvalho. Fonte: <http://www.faperj.br/?id=2748.2.6>

⁷ Disponível em < <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/pesquisa/violencia-contra-a-mulher-no-ambiente-universitario-data-popularinstituto-avon-2015/> > Acessado em 14 de março de 2018.

⁸ Disponível em < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14153-coletiva-censo-superior-2012&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192 > Acessado em 19 de março de 2018.

acadêmica enfrenta a falta de iluminação e caminhos cercados de mato alto entre os prédios das aulas. Além disso, a quantidade de funcionários responsáveis por manter a segurança é mínima: em 2016, eram apenas 40; lembrando que trata-se de segurança patrimonial.

No ano de 2013, uma página chamada “Abusos Cotidianos da UFRRJ” foi criada no Facebook por iniciativa de uma aluna. O objetivo era receber denúncias de assédio. Em poucas semanas, o resultado foi espantoso: a página recebeu mais de 615 relatos narrados por estudantes ou servidoras desde os anos 1970.

Em 2016, entre os meses de março e maio, três casos de estupro foram denunciados por alunas dentro do *campus*. Um deles ocorreu durante uma festa do curso de Biologia e o universitário acusado de cometer a violência andou pela Rural exibindo a calcinha da vítima, ainda ensanguentada, como se fosse um troféu.

No mesmo período, uma aluna do curso de Educação Física da instituição, Isadora César, se suicidou após ter sido vítima de um caso de estupro ocorrido dentro do alojamento masculino da Rural. O caso ocorreu 4 anos antes, em 2012, e Isadora pediu ajuda aos professores e à coordenação de seu curso, enquanto mesmo após as denúncias, seu abusador seguia estudando na Universidade. Pode se inferir, a partir de sua morte que, em alguma medida, as respostas obtidas junto à Rural não puderam ampará-la. Despreparo, falhas, limitações do próprio processo, lacunas do regimento estudantil? Este caso foi o estopim para a necessidade de se pensar mudanças urgentes.

Em 2017, 195 mulheres responderam ao formulário intitulado “A violência contra mulher em Seropédica” divulgado no grupo secreto do “Me Avisa Quando Chegar”, no Facebook. Os resultados mostram que 36 delas já sofreram assédio dentro da universidade e 83 mulheres disseram que seus agressores eram estudantes⁹.

A falta de ações institucionais mais efetivas para resolver os casos de assédio ocorridos no *campus* colabora para que as próprias estudantes se organizem coletivamente para tornar a experiência universitária menos dolorosa. Os coletivos de mulheres permitem compartilhamento de experiências, a empatia e a união em prol da luta por segurança.

⁹ Dados referentes ao período de 27 de setembro a 23 de outubro de 2017.

Me Avisar Quando Chegar

Sob essa perspectiva, em abril de 2016, nasce o grupo de mulheres “Me Avisar Quando Chegar” (MAQC), motivado pela revolta coletiva das estudantes após o citado caso de estupro em que o abusador desfilou com a peça íntima da vítima. Inicialmente, como o nome do movimento sugere, o propósito era agregar mulheres para que elas pudessem fazer companhia umas às outras na volta para casa. Para isso, foi criado um grupo no Facebook para que elas pudessem conversar e compartilhar vivências e grupos no Whatsapp divididos em locais de moradias dessas mulheres, pois assim, elas poderiam se encontrar e fazer companhia para ir e voltar da universidade.

O movimento foi crescendo a partir do momento que outras violências foram denunciadas. Em menos de dois meses de aulas, três casos de estupro vieram à tona e o coletivo foi se fortalecendo, cada vez mais, na organização de atos em defesa das mulheres no *campus*. A situação se agrava ainda mais quando Isadora, aluna da Universidade, se suicida. A partir daí, ocorreram manifestações para que fossem abertos os processos de sindicância e investigação, com o intuito do afastamento e punição dos agressores; além de articulações para garantir segurança.

De março a maio de 2016, período que ficou conhecido como a “Primavera Ruralina”, diversas intervenções foram feitas, e nestes dois anos de existência, o coletivo já representa muito para a causa feminina dentro da universidade, pois ele une mulheres de diferentes etnias, credos e vertentes feministas, em defesa da luta contra o machismo e o assédio que atinge todas elas. É importante ressaltar que o grupo também abraça as moradoras de Seropédica, na Baixada Fluminense.

As organizadoras do MAQC afirmam que toda ruralina é participante do coletivo, mas algumas delas se dispõem a organizá-lo, e essa tarefa é dividida em comissões que facilitam a sistematização e a articulação do grupo, sendo elas: Finanças; Comunicação; Cultura; Agitação, Propaganda e Mística; Acolhimento às Vítimas; Diálogo, burocracia e questões jurídicas; Formação; Projetos e Secretaria; Estrutura e Segurança.

A participação das estudantes nas comissões é sempre voluntária. O MAQC também possui uma página no Facebook com mais de 21 mil curtidas. Além disso, há um grupo fechado no Facebook no qual só é permitida a participação de alunas, professoras, técnicas, servidoras e moradoras de Seropédica onde as mulheres compartilham relatos, dicas e experiências.

O campo da Comunicação Institucional

O setor de Comunicação Institucional nas organizações é responsável por construir a imagem e a identidade corporativa através dos conteúdos produzidos para as plataformas informativas da referida instituição. O principal objetivo deste campo da comunicação é “difundir informações de interesse público sobre as filosofias, as políticas, as práticas e os objetivos das organizações, de modo a tornar compreensíveis essas propostas.” (FONSECA, 1999)

A comunicação institucional está intrinsecamente ligada aos aspectos corporativos que “explicitam o lado público das organizações, constrói uma personalidade creditiva organizacional e tem como proposta básica a influência político-social na sociedade onde está inserida”. (KUNSCH, 2003)

Sendo assim, um jornal de uma empresa, por exemplo, partilha e enfatiza os mesmos princípios considerados importantes pela corporação e os comunicadores são responsáveis por escolher assuntos que colaborem para manter uma boa visão da instituição. As assessorias e coordenadorias de comunicação, sendo responsáveis por construir a imagem das instituições, por vezes optam por omitir assuntos que podem comprometer, difamar, ou alimentar um conceito ruim sobre elas. Por este motivo, Monteiro (2002) afirma que “a notícia institucional deixa de ser um simples espelho da realidade”.

Muilland (1997) nos ajuda a entender essa questão ao afirmar que a informação é “bordejada, à maneira de um traço negro, por uma orla”. O que está dentro dessa moldura é o que pode ser visto e deve ser sabido. O que está fora desse “limite” corresponde a um “dever não ver ou não saber”.

Sendo assim, apenas uma parte do que acontece nas organizações ganha visibilidade e isto é uma problemática, pois essa concordância em torno do tipo de notícia que deve ser evitada, muitas vezes, favorece para que os problemas que não são noticiados persistam, e sejam tratados como insignificantes pelas autoridades da instituição. Essa escolha do que deve ser midiaticizado é uma das questões que iremos tratar a seguir, na análise do veículo de comunicação institucional da Rural.

O Rural Semanal

O veículo “Rural Semanal” é uma publicação impressa de 6 páginas, produzido pela Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade. O informativo representa a voz da instituição para a comunidade acadêmica.

A análise do “Rural Semanal” foi feita nos meses de março, abril e maio de 2016, período em que grande parte da imprensa carioca e fluminense se voltava para a Rural em decorrência dos casos de estupro ocorridos no *campus*, e por ocasião das manifestações do “Me Avisar Quando Chegar”.

No decorrer destes meses, o coletivo MAQC fez diversos atos em prol da segurança em que as estudantes andavam pela universidade pedindo justiça, clamando por investigações e apoio da instituição. Suas vozes cantavam: “*Na Rural acontece tudo / Tem estupro, nada é seguro / Não tem segurança, nem iluminação / Cadê a Reitoria pra ver a situação?*”

A mobilização foi intensa e as estudantes estavam muito organizadas. Na primeira semana do mês de abril, entre os dias 4 e 7, elas articularam marchas na Universidade, uma assembleia que contou com a presença de 600 mulheres para discutir a violência sofrida por elas e os encaminhamentos, abraço ao prédio da Reitoria (P1), manifestações no prédio da Universidade e uma assembleia geral de estudantes.

Os atos não se restringiam à Universidade. O MAQC foi à Prefeitura de Seropédica no dia 6 de abril e à ALERJ (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) no dia 13. Em ambos locais o objetivo era debater os casos de abusos sexuais na Rural¹⁰.

No final do mês, dia 27 de abril, a Universidade parou. Foi decretado o “Dia de Luto e de Luta” em favor da vida das mulheres e pelo fim da violência na UFRRJ. Com apoio da Administração Central, o *campus* abrigou extensa programação, durante todo o dia, incluindo oficinas, palestras e rodas de conversas com temáticas sobre conscientização, resistência e empoderamento.

Pode-se perceber o quanto o assunto estava em vigor. Mas ainda assim, o posicionamento da instituição foi não abordá-lo no informativo. Em função da ausência de cobertura do tema, estudantes do curso de Jornalismo organizaram uma espécie de ‘intervenção’ na edição do “Rural Semanal” referente ao período de 25 de abril a 1º de

¹⁰ Neste período a Reitora Ana Dantas estava afastada por motivos de saúde. O vice-Reitor Eduardo Callado era quem respondia pela instituição.

maio. Elas criaram uma capa alternativa e grampearam aos informativos que haviam sido distribuídos pelo *campus*, com objetivo de criticar a falta de matérias sobre os casos de abusos sexuais.

O nome do jornal foi substituído pela expressão ‘Silêncio Semanal’ e apresentava a ilustração de uma mulher pedindo silêncio. No verso da folha, um manifesto: “*o jornal institucional da Universidade Rural não representava as estudantes do curso de jornalismo*” pois não estava dando a devida cobertura à “*luta auto organizada das mulheres do movimento #MeAvisaQuandoChegar*” e, ainda, que a “*comunicação interna da Universidade tem a obrigação de reconhecer e informar a comunidade acadêmica sobre a luta das mulheres*”.

As 6 edições dos meses de março, abril e maio, assim abordaram quantitativamente a violência contra a mulher na Universidade:

Rural Semanal	Pauta violência contra mulher	Fotos	Quem fala	Outra pauta em que a mulher é tema
Edição n° 2: 7 a 13 de março	0	-	-	0
Edição n° 3: 21 a 27 de março	0	-	-	5*
Edição n°4: 4 a 10 de abril	0	-	-	0
Edição n° 5: 11 a 17 de abril	0	-	-	0
Edição n° 6: 25 de abril a 1 de maio	0	-	-	0
Edição n° 7: 9 a 15 de maio	1 Título: Dia de luto e de luta	1	MAQC, Reitoria, Pró-Reitoria de Graduação e Docente	0

Como mês de março é marcado pelo “Dia Internacional da Mulher”, a mulher foi assunto em 5 gêneros jornalísticos desta edição*: o editorial, a coluna de opinião, uma entrevista com uma diretora de instituto, uma reportagem de memória sobre o surgimento da data 8 de março e uma reportagem curta com opiniões sobre o que é ser mulher. Nenhuma dessas notas e matérias tratou dos casos de violência na UFRRJ.

De março a maio, em 6 edições do informativo, apenas uma reportagem publicada na edição de 9 a 15 de maio, trata da pauta de violência contra a mulher no campus.

Vejam, agora, uma análise descritiva da edição de março e da única reportagem sobre violência contra a mulher, na edição de maio.

Edição nº3 – 21 a 27 de março de 2016

Esta edição do informativo “Rural Semanal” apresentou-se como “Especial Mês das Mulheres” e todas as reportagens trouxeram pautas direcionadas ao gênero feminino. Na capa, há, inclusive, uma arte que representa uma face feminina e três chamadas para as seguintes matérias:

- Mulher UFRRJ: Depoimentos de ruralinas que ajudam a construir a Universidade (matéria de capa)
- Luta histórica: as origens do dia internacional da mulher
- Entrevista com Solange Brandolini: Ex-aluna da Rural e diretora do ICBS fala sobre o papel das mulheres no ambiente acadêmico

A segunda página do jornal é composta pelo editorial, um artigo de opinião e o calendário acadêmico. O editorial do jornal faz uma homenagem “às mulheres encontradas diariamente em todos os ambientes da UFRRJ” e diz que elas são responsáveis por contribuírem para a superação dos desafios na busca de uma sociedade mais fraterna e com menos desigualdades. O texto também afirma que as mulheres são responsáveis por dar vida à Universidade.

O artigo de opinião foi escrito pela professora Moema de Castro Guedes, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRRJ), e fala sobre como o tema feminismo é atual e a importância das mulheres continuarem lutando pela equidade de seus direitos.

Na terceira página do jornal, a ex-ruralina e atual diretora do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS), Solange Brandolini, comenta a importância de mulheres ocuparem espaços acadêmicos e altos cargos na sociedade e fala sobre “os desafios e prazeres de ser mulher na Universidade Rural”.

A quarta página traz uma reportagem destacada na editoria “Memória”, e o informativo relembra quais foram as origens que levaram à criação do Dia Internacional da Mulher (8 de março) e o papel da luta feminina na contemporaneidade. A matéria é documental, traz dados e datas de importantes revoluções que colaboraram para que a ONU (Organização das Nações Unidas) oficializasse a data em 1921. Além disso, apresenta ruralinas que fizeram história: a primeira médica veterinária formada no

Brasil, em 1929, Nair Eugênia Lobo; e a cientista Johanna Döbereiner que, atuando na Rural, possibilitou o aumento da produção agrícola no país.

Na quinta página, a reportagem de capa intitulada “Mulher na UFRRJ” colheu histórias de estudantes, técnicas e professoras que ajudam a construir e fortalecer a comunidade universitária. O texto é composto apenas por dois parágrafos e logo abaixo estão as falas dessas mulheres, que descrevem o que é ser mulher.

Na última página, a edição apresentou informes gerais, nota de falecimento, nota sobre aula magna do Mestrado Acadêmico de Administração, programação do Cine Casulo, quiosque de compras e expediente do informativo.

Uma edição inteira do Rural Semanal dedicada a falar somente sobre mulheres não investiu no assunto mais vivenciado pelas mulheres na Rural: o medo constante por estar no ambiente universitário, cenário de assédios e abusos sexuais. Mesmo o editorial, afirma que as mulheres são responsáveis por dar vida à Rural, mas deixa de mencionar o machismo, a violência e os abusos suportados por elas.

A leitura desta edição nos mostra que a instituição se preocupa em parabenizar todas as mulheres ruralinas pelo seu mês, entretanto, omite a realidade em que não há o que comemorar diante da violência sofrida. O “Rural Semanal” parabeniza as mulheres por construírem a universidade e por suas histórias – claro que é de suma importância reconhecer e falar sobre essas conquistas -, mas essa não é a única realidade de “ser mulher” na UFRRJ.

Pensar em pautas sobre mulheres na Rural significa pensar o quanto as estudantes estão vulneráveis, como o machismo estrutural as atinge, o quanto elas são violentadas diariamente, e o quanto elas precisam de apoio para continuarem sua caminhada acadêmica. E por escolha editorial, o informativo opta por não abordar estas pautas.

As histórias colhidas nesta edição não representam o cotidiano de alunas, técnicas, terceirizadas e eventualmente professoras que passam por violências tantas, e ao não abordar os diferentes casos de assédios ocorridos no *campus*, ou a luta das mulheres por segurança, o “Rural Semanal” contribui para a invisibilidade de inúmeros e graves problemas, afinal, “o que existe é o que está na mídia”. (MONTEIRO, 2002, p. 140)

Reportagem “Dia de luto e de luta” – Edição nº 7 - 9 a 15 de maio de 2016

Somente dois meses após o primeiro caso de estupro em 2016 ter sido denunciado dentro do *campus* de Seropédica, o “Rural Semanal” produziu uma matéria sobre a violência contra mulheres. A chamada para esta matéria aparece na metade da capa da edição, sem imagens, apenas com o símbolo do feminismo. Mas o título indica a tônica: “Rural dedica dia letivo para realização de evento sobre feminismo”. Antes mesmo de uma análise discursiva sobre esta chamada, evidencia-se a “institucionalização” da pauta. Não trata-se de uma conquista das estudantes que há dois meses estavam revolucionando a Rural, mas sim, para a comunicação institucional, era a Rural quem se dedicava a apoiar o feminismo.

Outra tomada de posição editorial que merece questionamento é que a matéria é assinada por um estudante homem. Embora três estudantes mulheres apareçam como colaboradoras na reportagem, o nome delas não está no início da reportagem. A matéria trata do “Dia de luto e luta”, uma data marcante para toda a universidade, pois todas as aulas foram suspensas para debater a violência contra mulher. Observe-se, contudo, que, por ter sido autorizada pela Reitoria a suspensão das aulas para este dia, a pauta passa ser do interesse do veículo. Na data em questão, o MAQC organizou palestras, oficinas, apresentações teatrais, cine-debates e rodas de conversas sobre a realidade vivida pelas mulheres na universidade, seus direitos e todas as formas de violência que as atinge.

A então Pró-Reitora de Graduação, Lígia Machado, falou sobre a importância das decisões e os reflexos do evento na comunidade acadêmica e o vice-Reitor, Eduardo Callado, discursou sobre a relevância de dar visibilidade aos acontecimentos. Duas integrantes do MACQ foram entrevistadas, e ambas ressaltaram o quanto aquele dia era importante para dar seguimento à luta, pois ele provocaria uma reflexão nas pessoas sobre a realidade vivida por elas. A foto escolhida para ilustrar a matéria foi de uma das atividades do cronograma, uma palestra lotada em um dos auditórios.

Obviamente a matéria é importante pois este dia foi muito simbólico para toda Universidade, porém, há que se ressaltar que o tema só foi pauta após cinco edições do veículo e, ainda assim, a reportagem é forçosamente institucional. O “Rural Semanal” fez apenas a cobertura de um evento apoiado pela instituição, tendo sido o “Dia de Luto e de Luta” aprovado pelos conselhos Universitário (Consu) e de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). Antes disso, diversos eventos foram feitos organizados também pelas

mulheres, sem apoio institucional, mas com a mesma importância, e jamais foram noticiados.

Ainda nesta página, o “Rural Semanal” apresenta uma nota de esclarecimentos em resposta à intervenção das alunas do curso de Jornalismo na edição anterior. A Reitoria diz: “*a liberdade de expressão é uma conquista e um direito do ser humano, mas seu pleno exercício deve ser baseado no respeito aos limites da ética e da não censura*”. Ou seja, a nota deixa claro que considerou o protesto estudantil menos uma legítima manifestação de opinião e mais um ato de censura. A Administração Central da UFRRJ, por meio de seu veículo institucional considerou antiética a intervenção do ‘silêncio semanal’, sem procurar responder, em nenhum momento, o porquê de não ter noticiado a violência contra a mulher dentro da universidade, desde março.

Breves considerações

Diante do recorte aqui analisado nesta pesquisa, consideramos que durante os dois meses de 2016 em que houve grande repercussão midiática sobre a violência contra as mulheres que ocorria no *campus* de Seropédica, a escolha da Rural foi pela invisibilidade do assunto em seu veículo institucional. Lembrando Monteiro (2001), “a divulgação jornalística das instituições na mídia tem caráter intencional e negociado, evidenciando, do início ao fim, o que a instituição considera importante e interessante num acontecimento para que ele ganhe estatuto de notícia”.

As denúncias de estupro, as ações do MAQC e as situações de vulnerabilidade vivenciadas principalmente pelas estudantes não foram consideradas pautas relevantes para a comunicação oficial, no momento de maior ebulição da causa das mulheres, a “Primavera Ruralina”. Nem mesmo quando as estudantes e o próprio vice-reitor estiveram na ALERJ no mês de abril, o tema chegou à comunidade acadêmica por seu informativo.

Paradoxalmente, “no mês das mulheres”, o veículo considera que as ruralinas dão vida à instituição. No entanto, se houver apenas um olhar meramente romantizado da cultura sobre o que é “ser mulher”, corre-se o risco de que a omissão de uma dura realidade, contribua mais e mais para a invisibilidade de tão grave problema. Todos os dias muitas estudantes são assediadas física e moralmente, dentro da instituição que poderia primar pelo seu acolhimento. Esta breve análise mostra que há muito por fazer

na comunicação institucional da UFRRJ no que tange a reconstruir a imagem da Rural quando o assunto for as mulheres que ali estudam e trabalham.

Referências

BANDEIRA, L. M. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** Revista Sociedade e Estado. Vol. 29, n.2. Maio/Agosto, 2014. p. 449-469

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro. Ed. BERTRAND BRASIL LTDA, 2011.

COSTA, F. **In Memoriam. Entre Dana e Eliza: discursos, imagens e sentidos sobre a mulher.** Tese. Doutorado em Memória Social. Unirio. Rio de Janeiro, 2016.

FONSECA, A. Comunicação Institucional. In: KUNSCH, M. M. K.. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada.** São Paulo: Ed. Summus Editorial, 2003.

GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos.** São Paulo: Ed.USP, 2007.

KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada.** São Paulo: Ed. Summus Editorial, 2003.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil. Brasília, 2015.

MONTEIRO, M. G. M. França. A notícia institucional. In: DUARTE, J. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica.** São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

MUILLAND, M. Crítica ao acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, S. D. **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Ed. Paralelo 15, 1997.